

SINALIZADORES *OLHA SÓ, AQUI, ALI, LÁ*: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

Resumo: *visão geral de estudo em andamento das construções de movimento causado presumido do tipo olhar + X (aqui, ali, lá ou só), consideradas sinalizadores, devido à função dêitica que desempenham em conversa informal. Fundamentadas pela projeção das metáforas COMPREENDER É VER, IDÉIAS SÃO OBJETOS e DISCURSOS SÃO FONTES DE LUZ, tais construções são analisadas aqui como instâncias de uma categoria radial.*

1) Introdução

Apresento a análise de construções de movimento causado presumido (CMCP), formadas pelo verbo *olhar* seguido de *aqui, lá, ali* e *só*, que desempenham função sinalizadora em conversa informal. Assim, neste texto, reúno as postulações que venho tecendo acerca dessas construções, com vistas a propor-lhes um *status* de categoria radial, devido à relação polissêmica vislumbrada entre elas.

As considerações tecidas aqui fundamentam-se na abordagem sociocognitiva, segundo a qual as formas linguísticas, em conjunto com outros sinais, atuam no processo de significação, concretizado nas situações comunicativas experienciadas pelos participantes das interações verbais. Nesse arcabouço, incluo a teoria dos espaços mentais [Fauconnier, 1997] e a gramática de construções, cujos conceitos me permitem descrever aspectos sociais e cognitivos envolvidos no uso da língua em conversa informal.

Como essas expressões são empregadas com sentido de *prestar atenção* e, em termos sintáticos, apresentam estrutura semelhante, acredito que a diferença entre elas pode ser embasada por uma versão branda do primeiro corolário do princípio da não-sinonímia de Goldberg [1995, p. 67], segundo o qual se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, devem apresentar diferenças pragmáticas¹. A proposta inicial de uma versão fraca desse corolário reside no caráter preliminar da distinção sintática observada nessas construções.

As ocorrências estudadas foram extraídas do *Banco de Dados Interacionais* (BDI), volume organizado por Roncarati [1996], composto de transcrições de conversas casuais gravadas em 1989 e 1990.

¹ *Princípio da não-sinonímia*: se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta [Goldberg, 1995, p. 67].

Na próxima seção, apresento a fundamentação teórica deste estudo. Em seguida, na terceira seção, passo à análise das construções em estudo e à postulação dessas como integrantes de uma categoria radial.

2) Construções sinalizadoras *olha só, aqui, ali, lá*

Esta divisão do artigo está organizada em duas partes: na primeira, apresento os fundamentos metafóricos e discursivos para a noção de sinalizador; na segunda, uma síntese na noção de construção de movimento causado.

2.1 Sinalizadores *metaforicamente estruturados*

Em razão do papel que desempenham na conversa, venho conceituando as construções de movimento causado presumido *olha+X* (*olha, ali, lá e só*) como sinalizadores, termo que, numa visão sociocognitiva, remete ao papel das formas linguísticas na conceptualização, a saber: guiar o processo de significação em conjunto com outros sinais presentes no contexto de uso da língua. O conceito de sinalizador foi elaborado com base em Clark [1996], para quem os atos comunicativos ocorrem por meio de sinais naturais (ou indícios), quando a língua é utilizada. O autor define tais sinais como “*um ato pelo qual os participantes coordenam o próximo passo na atividade em andamento*” [p. 132].

A partir dos conceitos de ícone, índice e símbolo (tomados de Pierce), Clark [*op. cit.*] postula três métodos de sinalização usados na comunicação: (i) descrição — falante e ouvinte coordenam a ativação da mesma regra para cada símbolo usado; (ii) indicação — localização de entidades no contexto da atividade; (iii) demonstração — maneira como entidades se apresentam, criando uma representação mental acerca da aparência dos objetos (termo tomado em uma acepção ampla para referir pessoa, lugar, objetos em sentido estrito etc.).

Embora a forma *olha* não figure como elemento dêitico nos estudos de pragmática da língua portuguesa, seu papel na sinalização de referentes, a partir da abertura de um espaço-FOCO, me levou a considerá-la entre as estratégias dêiticas empregadas em conversa. Essa assunção se baseia na concepção de dêixis como uma projeção da metáfora APONTAR PARA [Marmaridou, 2000]. Em outras palavras, o ato físico de apontar é projetado num espaço conceptual. Além disso, a dêixis é interpretada como uma noção escalar em cujo extremo poderiam ser encontrados alguns mecanismos anafóricos e discursivos.

A abordagem experiencialista para a dêixis promove a possibilidade de descrever unificadamente seus aspectos cognitivos e sociais, já que, durante a produção e compreensão do

discurso, os participantes envolvidos na interação, conceptualizam, em conjunto, os sentidos produzidos na conversação. Isso pode ser percebido, segundo Clark [1996], por pistas deixadas pelos falantes de uma representação discursiva, composta de duas partes essenciais: (i) uma *representação textual* da linguagem e outros sinais usados durante o discurso; e (ii) uma *representação situacional* da situação sobre a qual se fala. A representação situacional consiste no que os participantes estão realizando, e a representação textual, nas estratégias comunicativas para desempenhar essas ações.

A abordagem sociocognitiva alinha-se a uma visão conexionista de processamento de linguagem, já que não considera a capacidade linguística um componente autônomo em relação a outras habilidades cognitivas. Nessa concepção, a linguagem é uma representação simbólica (não-objetiva) da forma como os seres humanos percebem e experienciam essa realidade. Assim, o significado linguístico é incorporado, personificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e socioculturais captadas do meio ambiente. Nesse sentido, é possível estudar o significado pragmático como parte da estrutura cognitiva e não externo a ela, já que o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos.

Entre os processos cognitivos envolvidos na conceptualização, as metáforas desempenham papel fundamental, porque são mecanismos cognitivos que estruturam parcialmente conceitos experienciados/concebidos pelos seres humanos em todas as suas atividades, por meio da relação entre diferentes domínios cognitivos.

Venho concebendo a conversa como um evento encenado numa arena na qual os falantes defendem suas posições, a fim de atingir um objetivo comum. Trata-se, assim, de um espaço a ser percorrido metaforicamente, visando ao entendimento. Essa formulação é estruturada com base na metáfora conceitual DISCUSSÃO É UMA GUERRA. A dimensão espacial de organização do discurso conversacional leva à interpretação da conversa como um recipiente de onde se pode retirar e colocar objetos.

À medida que o discurso é interpretado/construído conjuntamente pelos participantes, idéias-objetos são trazidas para um campo de visão: o recipiente onde se encontram os objetos [Lakoff & Johnson, 2002, p. 82]. Logo, as posições apresentadas pelos falantes são objetos representados num campo visual: O DISCURSO É UMA FONTE LUZ [Lakoff & Johnson, 2002, p. 113]. Como as formas em estudo são empregadas em passagens que envolvem a sinalização de novos (sub)tópicos ou referentes, as conceituei como uma projeção da metáfora orientacional EVENTOS FUTUROS SÃO PARA FRENTE, cuja base física é o fato de os o-

lhos voltarem-se para a direção em que se move [Lakoff & Johnson, 2002, p. 62-63]. Daí projeção da metáfora APONTAR-PARA para explicar as estratégias dêiticas discursivas.

Assim, na conceptualização dessas construções, ocorre uma projeção entre o domínio da percepção visual e o linguístico, que pode ser explicada em termos gerais pelas metáforas COMPREENDER É VER, IDÉIAS SÃO OBJETOS e DISCURSOS SÃO FONTES DE LUZ. A relação entre esses dois domínios produz, nos termos de Talmy [2002], coerência conceptual, já que possibilita a representação dos sentidos integrada e unificadamente a um corpo de material conceptual diferente.

A compreensão desses conceitos em interações planejadas localmente (*on line*), como a conversa, deve-se ao fato de as metáforas fundadoras subjacentes à conceptualização do discurso integrarem uma base comum de conhecimentos partilhada pelos falantes no curso da interação. Os sinais linguísticos (junto a outros sinais) guiam esse processo de conceptualização diretamente do contexto de uso.

2.2 Sobre construções

Segundo Goldberg [1995], as extensões de sentido observadas no emprego de certos verbos são possíveis porque os falantes armazenam padrões construcionais e não informações sobre os itens lexicais individualmente. No âmbito da Gramática das Construções (GC), não há uma divisão estreita/exata entre léxico e sintaxe, nem entre semântica e pragmática. Subjaz a essa postulação a hipótese de que construções de cláusulas elementares estão associadas a estruturas semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana². A ligação entre os componentes sintático e semântico ocorre por transferência metafórica de eventos encenados [*op. cit.*, p. 5].

As construções da estrutura argumental consistem em uma subclasse especial de construções que produzem sentidos básicos das cláusulas. São definidas como “*um par forma-sentido <Fi, Si> em que algum aspecto de Fi ou de Si não é estritamente preditível das partes componentes dessa construção, ou de outras construções previamente estabelecidas*” [Goldberg, 1995, p. 4]”. Em outras palavras, padrões frasais são considerados construções se algum aspecto sobre sua forma ou seu significado não é completamente previsível de suas propriedades ou das partes que a compõem, bem como de outras construções. Assim, construções

² Hipótese da codificação de cenas: construções que correspondem a tipos básicos de sentença codificam, assim como seu sentido central, eventos básicos da experiência humana [Goldberg 1995: 39]. Essa hipótese origina-se nos trabalhos de Charles J. Fillmore e Paul Kay entre outros, como aponta a referida autora.

são consideradas unidades básicas da língua.

Entre as vantagens dessa abordagem, apresentadas por Goldberg [1995, p. 9-21], destaca-se a perfeita compreensão de sentidos novos dos verbos e o fim de definições circulares quanto à classificação dos verbos com base em seu comportamento sintático, a saber: o verbo X tem seu sentido completado por n-argumentos, porque requer n-complementos e, porque requer n-complementos, tem seu sentido preenchido por n-argumentos.

Essa visão, presente em abordagens que consideram a sintaxe como uma projeção de uma exigência lexical, é substituída pela concepção de que as sentenças são instâncias da representação de construções baseadas nos eventos experienciados. O verbo está integrado ao significado da construção.

As construções, que especificam a integração entre o verbo e os papéis dos participantes da cena discursiva, estão associadas a conjuntos de sentidos relacionados e não a um sentido fixo, por isso são polissêmicas. O sentido de uma construção está relacionado a um enquadre (*frame*) semântico subjacente à cena representada simbólica e parcialmente pela expressão verbal. Esses enquadres integram o conhecimento de mundo partilhado pelos falantes, que podem codificar a cena de diferentes formas, colocando em FOCO determinados participantes e deixando outros subespecificados.

Combinações particulares de papéis que assinalam as cenas consideradas humanamente relevantes estão associadas às construções da estrutura argumental, que, por essa razão, emolduram o mundo em tipos de eventos classificados discretamente, ao passo que os verbos estão associados a significados do enquadre semântico mais rico. Deve haver uma co-referência entre verbos e construções, para que os verbos expressem, conseqüentemente, a informação sobre a qual tipo de evento estão associados [p. 40]. Essa visão é fundamentada, segundo Goldberg, na noção de *arquétipo conceptual* de Langacker [1991: 294-295]:

Certos aspectos recorrentes e nitidamente diferenciados das experiências humanas emergem como arquétipos, que normalmente são usados para estruturar possíveis concepções. Uma vez que a língua é um meio de descrever essas experiências, tais arquétipos são naturalmente capturados como valores prototípicos dos construtos lingüísticos básicos (...) Extensões do protótipo podem ocorrer devido à propensão humana de interpretar o que é novo ou pouco familiar a partir do que já está bem estabelecido, e à pressão para adaptar de forma ilimitada e contínua um inventário limitado de unidades convencionais, a fim de dar conta das situações que requerem expressões lingüísticas.

Os papéis participantes dos eventos encenados, incluídos no enquadre semântico dos verbos, são instâncias dos papéis argumentais (agente, paciente, alvo) que integram as construções, porque apontam as restrições seletivas específicas do emprego de cada verbo [p.

43], determinando os aspectos do enquadre semântico a serem recortados (*profile*). A autora exemplifica a diferença de recorte dos verbos *rob*, que destaca os participantes **ladrão** e **vítima**, e *steal*, que destaca **ladrão** e **bens**³. Nesse contexto, pode-se estabelecer um paralelo com os verbos *roubar* e *furtar* em português: o primeiro representa um ato mais grave juridicamente, porque destaca o uso de arma contra a vítima do roubo, já o segundo ressalta o **ladrão** e o **bem furtado**.

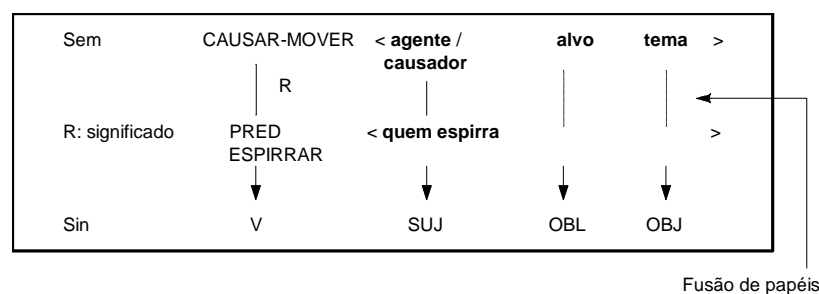
A integração entre o papel participante e o papel na estrutura argumental da construção é determinada por dois princípios que testam a compatibilidade entre tais papéis quanto a possíveis restrições semânticas:

Princípio da coerência semântica – somente papéis semanticamente compatíveis podem ser interligados: dois papéis p_1 e p_2 são semanticamente compatíveis, se p_1 puder ser construído como uma instância de p_2 , ou este puder ser construído como uma instância daquele.

Princípio da correspondência – cada participante lexicalmente recortado e expresso deve ser interligado a um papel argumental recortado da construção, mesmo que um deles não seja preenchido sintaticamente.

Na figura 1, abaixo, pode-se observar a fusão entre os papéis participantes do evento encenado e os papéis argumentais da sentença *Ela espirrou o guardanapo para fora da mesa*⁴, ilustrada por GOLDBERG [1995] como um caso de emprego metafórico do verbo *espirrar*, por meio de uma construção de movimento causado (CMC), que só poderia ser descrito numa abordagem construcional.

Figura 1 – Fusão de papéis em CMC



O significado está associado diretamente à construção CAUSAR-MOVER que configura os papéis argumentais de **agente/causador**, de caráter menos volitivo, **alvo/objetivo** e **tema**,

³ Os papéis participantes e os papéis argumentais são indicados pelo grifo em negrito.

⁴ *She sneezed the napkin off the table*. Há quem considere essa frase agramatical quando traduzida em português, contudo, desde a primeira leitura, consigo perceber a cena codificada por tal frase, daí a considero

logo a configuração construcional será X CAUSAR Y MOVER-SE PARA Z. ESPIRRAR preenche a variável PRED, cuja função é integrar o verbo à construção. No caso da referida sentença, a construção específica, com uma linha sólida, somente o papel de **causador** que será amalgamado ao papel de participante que integra o enquadre semântico do verbo. A linha pontilhada indica os papéis que, embora não recortados sintaticamente, contribuem com o sentido da construção. R indica o tipo de relação responsável pela integração do verbo à construção.

O princípio da coerência semântica monitora a integração dos papéis dessa construção, bloqueando a fusão entre **guardanapo** e **tema** e entre **fora da mesa** e **meta**, devido à extensão de sentido do emprego de *espirrar*; contudo, tais papéis contribuem para conceptualização da construção. Em outras palavras, a compreensão do sentido desse verbo, bem como sua linearização sintática, deve-se ao fato de os falantes armazenarem padrões construcionais, não apenas o sentido do verbo isoladamente, o que, nesse caso, seria implausível.

Logo, as relações entre a semântica dos verbos e a das construções podem-se configurar da seguinte forma: o evento designado pode ser um subtipo do evento da construção e/ou pode designar o significado, o resultado ou a condição da construção. Em alguns tipos de extensões, pode ainda designar a maneira, o significado ou a intenção quanto ao resultado da construção. Além disso, os eventos designados pelo verbo e pela construção devem partilhar pelos menos um participante.

As construções constituem uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas propriedades de uma construção particular. Essa rede de herança permite capturar generalizações entre as construções, além de sub-regularidades e exceções [p. 67].

Com base nessa abordagem teórica, passo à análise, na próxima seção, das construções sinalizadoras em estudo.

3) Olha só, aqui, ali, lá: construções de movimento causado presumido

A análise das construções em estudo será desenvolvida, nesta seção, em duas etapas: *olha só* e *olha aqui* (3.1); *olha ali* e *olha lá* (3.2). Na última parte (3.3), apresento a configuração radial dessas construções.

3.1 *Olha só e olha aqui*

Venho analisando os casos de *olha só* como uma construção de movimento causado presumido, empregada em conversa informal, sobretudo em trechos argumentativos, para sinalizar novos (sub)tópicos ou referentes, a fim de atenuar posições contrárias ou avaliações negativas acerca do que está sendo discutido. Contudo, também foram observados casos prototípicos dessa construção, envolvendo a busca de atenção para objetos presentes na cena discursiva, como em (1), abaixo, e usos metafóricos, excerto (2), em que o *objeto apontado* seria a posição defendida por um participante da interação.

(1) M = 013 Ô meu pé inchado
014 *olha só*.
015 Chega a fazer dobrinha
016 tá vendo? (BDI 2b)

(2) M = 751 *Olha só*
752 é que vocês rodam//
753 ((Pigarreando)) {segue trecho com superposição}
759 Hein Júlio.
760 Vocês rodam
761 prova demais. (BDI 5)

Em (1), a falante M muda o tópico da conversa, sinalizando seu pé inchado, já que, na passagem anterior, duas participantes do evento comentavam sobre teor calórico do arroz-doce que estava sendo preparado por uma delas. Trata-se, portanto, de um *olha só* prototípico, em que o *só* ressalta o inchaço.

A passagem de (2) refere-se a um trecho em que os participantes da conversa estão reclamando dos gastos com cópias de provas e da relação preço-qualidade do serviço de algumas copiadoras próximas à escola. Nesse contexto, a falante introduz de forma modalizada uma crítica à prática de seus colegas professores.

Há ainda casos considerados limítrofes, como no excerto (3), em que a falante pode estar apontando/mostrando o estojo enquanto reforça sua posição de que os produtos não seriam tão caros, se considerada a qualidade dos mesmos:

(3) M = 333 UAU!
334 Que lindo!
335 Que baRA:to:!
J = 337 *Olha só* gente.
338 Tem que ser caro assim mesmo. (BDI 2b)

Em passagem anterior à de (3), as falantes vinham discutindo sobre os produtos da Natura serem caros ou não, enquanto examinavam alguns produtos, até que M ressalta a beleza

de um estojo de maquiagem, levando a falante J a retomar a questão do valor dos produtos dessa empresa.

Nos três tipos de *olha só*, observa-se o sentido de *prestar atenção*, não apenas identificar visualmente algo. Dessa forma, quando o falante_X emprega essa forma, está sinalizando ao falante_Y a necessidade de que este desloque sua atenção para o objeto que se encontra no campo visual recortado pelo falante_X, ou seja, **X causa Y se mover para Z**. A representação em negrito, proposta por GOLDBERG [1995], deve-se ao fato de o movimento ser inferido, ou seja, essa formulação atende aos casos em que não há garantia de que o movimento foi realizado, por isso presta-se à análise de verbos com sentido metafórico.

A partícula *só* delimita metaforicamente o objeto que está no campo visual do falante_X, conduzindo a atenção do falante_Y para o objeto em FOCO, que pode ser um objeto, presente fisicamente no cenário discursivo, e/ou uma idéia a ser defendida. Nos três tipos de *olha só* analisados, essa partícula confere uma espécie de avaliação quantificadora expressa no posicionamento do falante, conforme se verifica nas três passagens exemplificadas: o grau de inchaço no pé, o custo-benefício do estojo e o risco à face de uma crítica. Assim, a depender do tópico abordado, o custo envolvido na interação é sinalizado por meio dessa construção.

O mesmo sentido de *prestar atenção* também foi postulado para a construção *olha aqui*, porém a presença do dêitico *aqui*, diferentemente do delimitador *só*, coloca materialmente em FOCO um objeto presente no cenário discursivo. Esse objeto pode ser a contraparte do próprio participante da interação. No excerto (4), abaixo, uma ocorrência de uma construção considerada limítrofe:

- (4) F1 = 269 estraguei meu jogo.
270 Foi por isso.
271 Então é por isso.
272 ***Olha aqui ó.***
273 ***Aqui ó.***
274 tem oito pontos (Inint.) ((Vozes ao fundo)) (BDI 12)

Pode-se perceber, nessa passagem de uma conversa entre aposentados que jogam cartas, uma estratégia por parte do falante (F1) de contar vantagem sobre os outros participantes do jogo, chamando-lhes a atenção para seu jogo e sua estratégia. Esse papel desempenhado pelo *olha aqui* me levou a considerá-lo uma construção de movimento causado presumido limítrofe, que sinaliza as cartas do jogo e atitude do jogador frente aos seus oponentes.

O emprego do verbo *olhar* nesse tipo de construção preenchida reforça-lhe a função dêitica, sinalizadora, já que se presume o deslocamento do foco de atenção dos participantes da

interação para as cartas de F1. O fato de a construção ser reforçada pela forma *ó*, uma espécie de abreviação do verbo *olhar*, seguida pelo enunciado *Aqui ó*, em que o dêitico aparece em primeiro lugar, levou-me a considerar um *status* construcional para expressão *olha aqui*, na medida em que seu significado poderia ser distinto de *aqui ó* e *ó*.

No caso da construção *olha aqui*, pode-se conceber sentido semelhante a *prestar atenção*, atribuído a *olha só*, sendo que o papel participante alvo que integra o enquadre semântico da construção é um objeto presente na cena discursiva. Já as formas *aqui ó* e *ó* referenciariam o FOCO num o objeto físico, como ocorre em outros trechos da conversa, ilustrado em (5).

(5) J = 30 Isso aqui tem água aqui dentro?
S = 31 **Aqui olha** (BDI 2A)

O sentido mais abstrato de *prestar atenção em X* de *olha aqui* é corroborado por contextos como os de (6) e (7), em seguida, em que as construções foram empregadas para sinalizar os participantes da interação e não um referente situacional:

(6) J = 90 **Olha aqui** Neide (Inint)
91 eu vou cortar você também ((Fala rápida)) (BDI 1)
(7) J = 696 **Olha aqui** querida- (BDI 5)

Em (6), a falante afirma que vai interromper fala de Neide, que, em passagem anterior, reclamou de não conseguir falar, de não conseguir a posse do turno. Em (7), a falante tenta se expressar, mas não consegue a posse de turno. Nos dois casos, a forma *olha aqui* é empregada para chamar atenção sobre o papel dos referidos participantes da interação, ou seja, falantes ressaltam, ou tentam ressaltar, seu próprio papel no evento em andamento, chamando a atenção para seu discurso, conseqüentemente para si mesmo, e não para um objeto situado no ambiente.

Pode-se perceber, portanto, um paralelo entre as construções *olha só* e *olha aqui* no sentido de que ambas expressam valores limítrofes e metafóricos. Todavia, nos casos de *olha aqui*, a referência a uma entidade do cenário, mesmo nos casos mais metafóricos, confere uma materialidade na construção do significado que me levou a postular um maior envolvimento do falante em seu discurso.

O termo *envolvimento* é empregado não apenas com sentido que lhe atribuído nos estudos de polidez e interação, mas na sua relação com a corporificação dos sentidos. Nessa encarnação do falante em seu discurso, nesse envolvimento, reside a diferença basilar entre *olha só* e *olha aqui*, que, acredito, se encontra na dimensão semântico-pragmática da conceptualização dessas construções.

A estratégia dos falantes de referenciar o próprio discurso e seu papel na construção do mesmo, colocando-se como centro dêitico, pode ser encarada como uma projeção metonímica PESSOA PELO ATO. Logo, ao sinalizar não apenas o que quer significar, mas seu papel na interação, o falante projeta-se no seu discurso, tornando-se uma entidade que refere e é referenciada.

Segundo Lakoff & Johnson [2002, p. 93], diferentemente da metáfora, cuja função primordial é a compreensão, a metonímia exerce uma função referencial, porque propicia a representação de uma entidade por outra. Contudo, não é meramente um recurso de referenciação, já que permite o entendimento, ao selecionar aspectos particulares da entidade referenciada.

A metonímia assemelha-se à metáfora, ainda, por não consistir apenas em um recurso retórico ou poético, mas estar presente no modo como se age, pensa e fala no dia a dia. Conceitos metonímicos “*estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência*”. Em geral, “*envolvem associações físicas e causais diretas*” [op. cit., p. 97], apresentando, assim, uma fundamentação mais óbvia que a dos conceitos metafóricos, porém tão sistemáticos quanto estes últimos.

A projeção mais direta do falante do/no discurso produz uma significação menos polida com emprego do *olha aqui* na comparação com *olha só*. Ao empregar este último sinalizador, o participante da interação abre um espaço-FOCO para a conceptualização do discurso, promovendo uma atitude de afastamento em relação à posição defendida, porque busca conciliar divergências. Ao passo que, ao usar *olha aqui*, envolve-se explicitamente, projetando uma contraparte sua no espaço-FOCO aberto pelo sinalizador, numa espécie de atitude de enfrentamento. Nas figuras (2) e (3), abaixo, ilustro o enquadre conceptual dessas duas construções:

Figura 2 – Enquadre conceptual de *olha só*

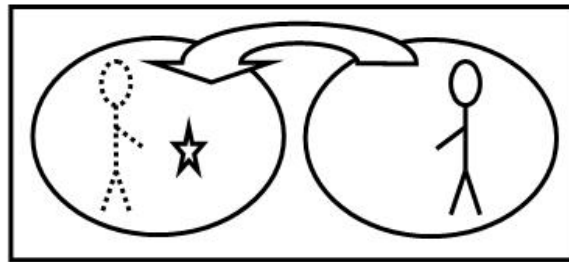
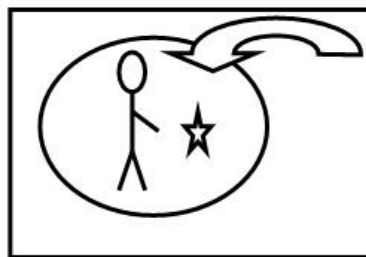


Figura 3 – Enquadre conceptual de *olha aqui*



O enquadre semântico-pragmático envolvido na conceptualização da construção *olha só* baseia-se na abertura de um espaço-FOCO em que o falante se projeta por meio do/no discurso, representado pelo bonequinho pontilhado, adotando uma atitude de afastamento em relação ao objeto (alvo), representado pela estrela, para o qual busca a atenção dos participantes da interação. Esse afastamento aumenta conforme o assunto seja mais delicado em termos informacionais e/ou interacionais.

Em outras palavras, ao empregar *olha só*, o falante sinaliza a introdução de uma avaliação, preparando seu interlocutor para a defesa de uma posição, que, nos casos de *olha só* argumentativos, configurará um argumento contrário, daí a necessidade de preparação/sinalização prévia, pois o interlocutor pode não concordar com a opinião/avaliação expressa. Assim, vejo em tal estratégia dêitica um cuidado maior, uma necessidade de afastamento do falante em relação ao seu discurso, numa atitude de guiar a atenção dos outros participantes quanto à posição defendida. Dessa forma, o discurso é FOCALIZADO num espaço mental em que se destaca a intenção nele envolvida.

Já no enquadre conceptual de *olha aqui*, o falante projeta-se no mesmo espaço-FOCO do objeto (alvo) sinalizado, numa atitude de envolvimento, sinalizando uma atitude de enfrentamento, que pode ser motivada pela natureza mais descontraída do tópico introduzido pelo falante, logo sem prejuízo para a construção conjunta do sentido na interação com os participantes, ou por uma atitude explícita de tomar o turno, chamando a atenção para o seu papel na

interação. Enunciados como *Olha aqui, você está cometendo um erro!* ou *Olha aqui, não foi isso que eu disse*, com feição mais argumentativa, podem ocorrer em interações cujos participantes adotam uma atitude de confronto ou exposição direta na defesa de suas idéias.

Assim, em termos da intenção comunicativa presente na construção conjunta do significado, *olha aqui* pode expressar uma atitude de confronto, ironia, descontração, ou seja, posturas em que não há uma preocupação explicitamente marcada com a preservação da face dos participantes, principalmente daquele que emprega tal construção para sinalizar seu discurso ou ato participativo. Já no caso de *olha só*, sobretudo sinalizador de argumento contrário, talvez em razão de uma fala que visa ao convencimento do outro, em que se quer afirmar uma posição a ser adotada pelo outro, se observe um cuidado maior com a polidez. Logo, no uso de *olha só*, a intenção é focalizar em primeiro plano o objeto (alvo), o argumento que está sendo encaminhado com polidez.

3.2) *Olha ali e olha lá*

Inicialmente considerei *olha lá* e *olha ali* um caso de construção de movimento causado presumido prototípica, no sentido de que, ao empregá-la, o participante da interação leva seu(s) interlocutor(es) a deslocarem sua atenção para um alvo presente no cenário discursivo. Entre as construções em estudo, são as mais abreviadas: *olha ali > ali*; *olha lá > alá*. O uso da forma *ali* pode não ser interpretado como abreviação; porém, no caso de *alá*, forma usada correntemente na modalidade oral, se pode vislumbrar um processo de gramaticalização. O relato abaixo sobre a experiência de uma falante de português, recebido por e-mail de uma colega pesquisadora, ilustra esse emprego.

A G. é voluntária para acompanhar casos de adoções internacionais por parte de espanhóis, e está acompanhando um caso. Aí o candidato a pai perguntou a ela o que queria dizer alá em Português, que o garoto vivia falando e ele não entendia. A G. estranhou, disse que Alá, em Português, era o nome do deus muçulmano, mas que ela achava que não deveria ser isso. Mais tarde, ela saiu com os dois, e entendeu tudo. A todo momento, o garoto queria mostrar coisas para o talvez pai e dizia alá o carro, alá o avião, alá sei mais quê.

O trecho (8), apresentado em seguida, consiste em um caso de *olha ali* prototípico, já que o falante C sinaliza a placa do *trailer* onde os preços estão listados, após dúvidas quanto ao preço da batata frita.

- (8) I = 295 Quanto que tá a batata frita? /.../
C = 299 Se não me engano.
300 *Olha ali.* ((Tabela de preços))
I = 301 *Olha ali.*
302 É muito mais fácil. (BDI 4)

Todavia, no excerto (9), abaixo, em que o falante ressalta a espessura da coxa de uma das participantes que ofereceu colo ao colega sem travesseiro, vislumbro um emprego limítrofe para *olha lá*.

(9) G = 308 Um coxão.

309 *Olha lá*.

310 Nossa mãe

311 ó.

312 Ih

313 aproveita. (BDI 3)

Essa conceituação se baseia no clima de brincadeira em que a conversa transcorre e no fato de o quarto do alojamento onde deu a interação apresentar dimensões incompatíveis com a localização de um objeto a uma distância tal, que demandasse o emprego de *lá*. Atribuí a esse dêitico um caráter intensificador. Assim, a construção *olha lá* não estaria envolvendo apenas a sinalização da coxa da colega de G, mas uma avaliação por parte do falante. O uso da construção com *lá* em vez de com *ali* pode estar ligado ao caráter intensificador: o falante projeta no espaço conceitual uma distância maior para destacar a ênfase sobre o objeto sinalizado.

Em outras palavras, a intenção do falante, ao sinalizar um objeto com *olha lá* no excerto (9), é conceptualizá-lo de modo a produzir um sentido de descontração por meio do exagero da dimensão deste, por isso sua contraparte encontra-se projetada no espaço-FOCO aberto, a fim de enfatizar o objeto (alvo) para o qual busca a atenção dos interlocutores. Nas figuras (4) e (5), exponho a representação do enquadre conceptual de *olha lá* e *olha ali*.

Figura 4 – Enquadre conceptual de *olha lá*

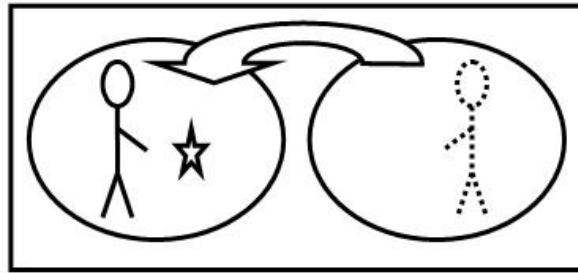
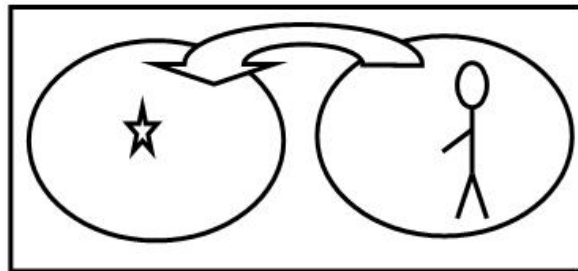


Figura 5 – Enquadre conceptual de *olha ali*



Na figura (4), o boneco com linha cheia representa o deslocamento da atenção para o espaço-FOCO aberto, a fim de enfatizar o objeto (alvo) sinalizado (estrela). Em outras palavras, a intenção do falante, ao sinalizar um objeto com *olha lá* no excerto (9), é conceptualizá-lo de modo a produzir um sentido de descontração por meio do exagero da dimensão deste, por isso sua contraparte encontra-se presente nesse espaço.

Na comparação entre os enquadres conceptuais de *olha lá* e *olha só*, pode-se perceber que, no caso de *olha só*, a intenção é focalizar, em primeiro plano o objeto (alvo), o argumento que está sendo encaminhado com polidez, demonstrando um tipo de estratégia de afastamento do interlocutor em relação à sua fala.

Na figura (5), o enquadre conceptual de *olha ali* envolve a abertura de um espaço-FOCO em que é projetado o objeto (alvo) sinalizado por essa construção. Em termos conceptuais, falante e objeto (alvo) encontram-se em espaços mentais distintos, para representar uma posição de neutralidade do falante. Entre as construções estudadas, essa parece ser a mais prototípica; todavia, devido ao número reduzido de ocorrências, não é possível aqui avançar nas predições.

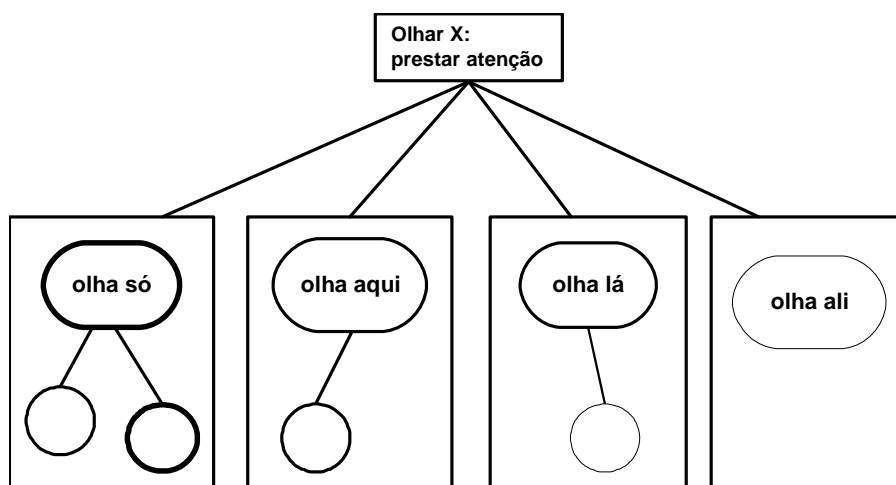
Portanto, em termos da intenção comunicativa presente na construção conjunta do significado, *olha aqui* e *olha lá* podem expressar uma atitude de confronto, ironia, descontração, ou seja, posturas em que não há uma preocupação explicitamente marcada a preservação da

face dos participantes, como, por exemplo, *Olha lá o que você está fazendo!*, *Olha aqui, veja o que você fez*. Já no caso de *olha só* sinalizador de argumento contrário, talvez em razão de uma fala que visa ao convencimento do outro, em que se quer afirmar uma posição a ser adotada pelo outro, se observe um cuidado maior com a polidez.

3.2) O caráter radial das construções *olhar+X*

O significado comum de *prestar atenção* de *olhar+X* e o enquadre conceptual proposto para tais construções levaram-me postular uma configuração radial para essa categoria, como pode ser observado na figura (6), abaixo.

Figura 6 – Radialidade das construções *olhar+X*



O sentido limítrofe de *olha só* é representado pelo círculo com um traçado mais fino, ao passo que o sentido abstrato, relacionado ao papel de sinalizador de argumento contrário, está pelo círculo mais espesso. Trata-se de uma construção mais marcada do que as demais, em razão do afastamento da noção mais básica ligada à dimensão espacial, daí o contorno da figura em seu nome estar representado por um traçado mais forte.

A diferença entre *olha aqui* e *olha lá* reside no tipo de extensão de sentido produzida do primeiro, que revela a possibilidade de ser mais argumentativo, em relação ao segundo, devido ao esquema conceptual em que falante projeta-se, por meio de sua fala, com envolvimento explícito. Essa função deve-se ao papel que *aqui* exerce na construção. O *olha aqui* é representado com traçado mais fino e sem extensões, devido ao fato de ter-se revelado o mais prototípico.

Nos termos de Lakoff [1987], em cuja representação me baseei, essa categoria apresenta as seguintes características do sistema conceptual de categorização humana:

- i. Centralidade – a existência de sentidos mais básicos, como o de levar o interlocutor a voltar sua atenção para um objeto do cenário em que ocorre a conversa durante a produção conjunta do discurso, em oposição a sentidos mais metafóricos;
- ii. Encadeamento/radialidade – sentidos mais abstratos ligados ao sentido básico;
- iii. Domínios experienciais – base das ligações entre os sentidos das construções. Tais domínios, relacionados à cultura, permitem, por exemplo, entender o evento jogo de cartas e perceber quando um jogador conta vantagem em relação à sua cartada, de modo a produzir o sentido limítrofe de *olha aqui*, ou a atividade recorrente entre professores de fotocopiar material didático e como cada docente encara a necessidade dessa atividade;
- iv. Modelos idealizados – estruturas complexas que organizam o conhecimento humano responsáveis pelas ligações no encadeamento das categorias. Os MCIs (esquemas conceituais) “*são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis*” que desempenham “*papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos*” no dia a dia [Miranda, 1999, p. 83]. O conhecimento de jogo de cartas, por exemplo, é um MCI estruturado conceptualmente a partir da experiência que permite a conceptualização do sentido produzido pelo *olha aqui* do excerto (4);
- v. Conhecimentos específicos – no caso de *olha só* empregado no enunciado sobre produtos da Natura, o conhecimento específico desses produtos atua na construção de sentido produzido pela falante na passagem (3), fundamentando seu argumento;
- vi. Diferenças – elementos centrais de cada categoria podem apresentar sentidos diferentes, bem como as extensões de sentido em cada categoria. Em outras palavras, as categorias radiais não apresentam apenas semelhanças. Assim, pode-se perceber a diferença entre *olha só* e *olha aqui*, bem como os diferentes tipos de *olha só*.

Além desses aspectos, Lakoff [1987] também concebe o fato de categorias apresentarem propriedades incomuns, aspecto que talvez pudesse ser relacionado à dimensão pragmática da forma *só* na construção *olha só*.

Outro aspecto importante, porém de difícil mensuração, é a motivação subjacente às categorias linguísticas, que, por sua vez, exprimem o sistema conceptual de categorização. Acredito que a motivação para tais construções se encontrem nas metáforas subjacentes a *olhar+X*, bem como na sua dimensão pragmática, ou seja, no papel que desempenham na

construção e organização do discurso conversacional.

Todos os aspectos aqui elencados estão relacionados, devido à complexidade dos mecanismos cognitivos envolvidos na conceptualização dos sentidos produzidos nas conversas informais e às formas linguísticas empregadas pelos falantes nessas interações extremamente dinâmicas, daí a necessidade de ferramentas teóricas flexíveis. Essa requerida flexibilidade vem sendo obtida na abordagem sociocognitiva.

Passo, em seguida, às considerações finais, apresentando os desdobramentos previstos para o estudo das construções *olhar+X(só, aqui, ali, lá)*.

4) Concluindo...

Com base no sentido esquemático de *prestar atenção*, a postulação de uma relação radial para as construções em estudo carece de refinamentos, devido a vários aspectos que demandarão decisões teóricas. Um dos aspectos a serem aprofundados relaciona-se ao papel que as formas *aqui, ali, lá* e *só* desempenham no sentido geral de *prestar atenção* dessas CMCP.

No que concerne à radialidade, permanece a questão de qual seria a configuração mais precisa: aquela apresentada aqui, formada por um esquema geral que funcionaria como uma unidade simbólica⁵ *olhar+X*, instanciada pelas quatro categorias *olha só, olha aqui, olha ali, olha lá*, ou uma configuração binária de instâncias, já que, em termos sintáticos, há um paralelo entre *olhar+locativos (aqui, ali, lá)*, que se diferenciam de *olhar+delimitador (só)*. Essa diferença sintático-semântica, com consequências pragmático-conceptuais, poderia levar a uma recategorização.

Referências Bibliográficas

- CLARK, Herbert H.. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GOLDBERG, Adele E.. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- _____ & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

⁵ Nos termos de Langacker [1991, 2008].

LANGACKER, Ronald W.. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of cognitive grammar vol II: descriptive application*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

MARMARIDOU, Sophia S.A.. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

MIRANDA, Neuza Salim. Domínios estáveis e projeções entre domínio: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999. v. 3, n. 1, p. 81-95.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.

TALMY, Leonard. Grammatical construal. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings. Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 69-108, 2006.